

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

108

INSCRIÇÕES 476-478



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2013

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



INSCRIPCIÓN DE ZARZA DE GRANADILLA (CÁCERES)
(Conventus Emeritensis)

En uno de nuestros múltiples viajes epigráficos por la provincia de Cáceres recalamos a Zarza de Granadilla, municipio situado en el norte de Cáceres, muy próximo al yacimiento romano de Cáparra. Allí nos pusimos en contacto con su alcalde don Germán García Benito, quien amablemente nos acompañó en la localización de algunas inscripciones romanas existentes en la localidad.¹ Precisamente una de ellas se encontraba en una casa rural de su propiedad, conocida como “Granadilla del Duque” en la calle Carretera de la Estación 19. Servía de apoyo a la pequeña escalera de acceso a una de las estancias que da a un patio interior (FIG. 1). Procede del despoblado de “Villoria” o “Viloria”, junto al río Ambroz, donde han aparecido varias inscripciones más, algunas de las cuales se conservan en casas particulares de la localidad.

Se trata de una inscripción de carácter incierto elaborada sobre una sección semicircular de columna granítica. Se conserva parte de dos líneas de texto orientado en sentido longitudinal (FIG. 2).

Dimensiones: 98 cm de diámetro x 37 de grosor.

[---]INO · / M(*arcus*) · ALLIV[S] / -----

Altura de las letras: 8; la *I* de la segunda línea: 3.

¹ Agradecemos desde aquí al señor alcalde las atenciones y las facilidades que en todo momento nos dispensó en nuestra visita a Zarza de Granadilla.

El texto está desplazado hacia la parte inferior de la mitad de la columna y no sabemos si en origen era un cilindro completo que posteriormente fue cortado a la mitad para su reaprovechamiento en alguna construcción.

Las letras, con *ductus* regular y remate triangular, son capitales cuadradas y la interpunción redonda.

Resulta cuando menos extraña la disposición apaisada del texto en la columna que se sale de los cánones habituales para los soportes de estas inscripciones en la zona. Desconocemos qué ubicación y utilidad tendría dicha pieza. Quizás fuera una pieza ornamental de algún monumento – ya sea un edificio religioso o laico, donde iría el nombre del individuo que mando construir dicha obra, un tal *Marcus Allius*.

El *nomen Allius* es muy común en la epigrafía lusitana, pero muy raro en la zona caperense, pues sólo se documenta en otra inscripción procedente de la localidad de Jarilla.²

La terminación *-ino* de la primera línea parece corresponder a un dativo perteneciente seguramente al nombre de un individuo o quizás al de una divinidad. La epigrafía de *Capera* es rica en testimonios en piedra de actos evergéticos de sus elites municipales. Véase sino la dedicatoria del *castellum aquae* sufragado que Albino mandó construir en su testamento;³ o la inscripción honorífica de Bolosea y Fidio que aún hoy día se puede ver en el arco cuadrifonte que preside las ruinas de la ciudad;⁴ y los pedestales de estatuas repartidas por el foro, cuyos textos han sobrevivido al paso del tiempo. Sin olvidar la inscripción que iría en el centro del dintel del templo dedicado a *Iuppiter Optimus Maximus*.⁵

Quizás el epígrafe que aquí presentamos sea una

² J. ESTEBAN, *Corpus de Inscripciones Latinas de Cáceres II. Turgalium*, Cáceres, 2012, n° 978.

³ A. U. STYLOW, «Apuntes sobre epigrafía de época flavia en Hispania», *Gerión* 4 1986 285-312.

⁴ E. CERRILLO, «La monumentalización del foro de Cáparra a través de la epigrafía», en D. Vaquerizo – J. F. Murillo (Eds.), *El Concepto de lo Provincial en el Mundo Antiguo*, Homenaje a la profesora Pilar León Alonso, Córdoba, 2006, 13-30.

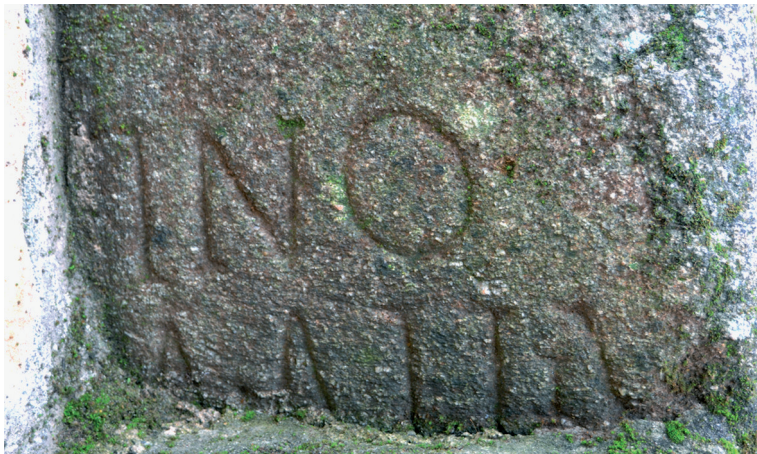
⁵ A. FLORIANO, «Excavaciones en la antigua *Capera* (Cáparra, Cáceres)», *AEA* 54 1944 270-286.

manifestación más de la munificencia que mostró para con su ciudad esta elite municipal. ¿Pudiera ser *M. Allius* un miembro de este grupo privilegiado?

JULIO ESTEBAN ORTEGA



1



2

CUPA FUNERÁRIA ROMANA DE MÉRTOLA
(*Conventus Pacensis*)

Foi recolhida em trabalhos agrícolas, em data incerta, nas imediações da localidade da Quintã, freguesia e concelho de Mértola, uma cupa funerária romana, de que os investigadores do Campo Arqueológico de Mértola tiveram conhecimento no começo do presente ano de 2013, providenciando de imediato a sua conveniente salvaguarda e divulgação. Encontra-se (Julho de 2013) ainda exposta no átrio dos Paços do Concelho (FIG. 1), mas a intenção é que venha a integrar, dentro em breve, o acervo da Casa Romana do Museu de Mértola.

Está completa e ostenta no dorso três pares de aros gravados (interrompido o central para dar lugar ao campo epigráfico); soco bem demarcado, apenas com leves falhas nos cantos, resultantes do manuseio ao longo dos tempos. Campo epigráfico centrado, delimitado, superior e inferiormente, por ranhura simples, e lateralmente por ranhura, que é interrompida na parte central, na medida em que há, em cada canto, uma suástica gravada. Aliás, quase seríamos tentados a considerar essa decoração como parte integrante do campo epigráfico, caso não houvesse as ranhuras que claramente a separam. Do ponto de vista estético, é a primeira vez que se regista em cupas do *conventus Pacensis* este tipo de decoração, embora, como se sabe, a suástica constitua motivo assaz frequente na iconografia romana, nomeadamente em mosaicos.¹

¹ Medidas das suásticas por ordem sequencial: em cima, à esquerda: 6,5 x 6,6 cm; à direita: 7 x 7; em baixo, à esquerda: 6,3 x 5,5; à direita: 6 x 5,5 cm. Recorde-se que, em *Conimbriga*, uma das casas foi mesmo baptizada de «casa do mosaico da cruz suástica». Fernando Coimbra tem-se dedicado intensamente ao estudo

De mármore branco, com veios cinzentos de grão grosso, mui provavelmente de Trigaches, apresenta o lado esquerdo do soco perfurado, com um orifício circular de 4 cm de diâmetro. Estas aberturas, bem documentadas em vários tipos de sepulturas romanas, estão relacionadas com a prática de libações funerárias, que consistiam na realização de refeições em honra do defunto, no decorrer das quais se vertiam para o interior da sepultura as oferendas. A existência de uma concavidade nessa parte lateral esquerda documenta a sua posterior reutilização na vertical. A parte lateral direita da cupa apresenta-se lisa e apenas se regista a presença de um ponto, como que a marcar o centro da peça.

Dimensões: 45 x 100 x 55. Altura do soco: 10.

Campo epigráfico: 22 x 33. Incluindo as suásticas: 53 de largura.

Altura das letras: 3,8/3,5 (D inicial = 4; O = 3). Espaços: 1: 2,5/3; 2: 2; 3 a 5: 1; 6: 0,5/0,6.

Caracteres actuários, dir-se-ia que desenhados à mão levantada, sem qualquer preocupação estética: M muito largo; O oblongo; A de vértice abaixo da terminação da haste da direita e de barra (pelo que nos é dado ver, ainda que com dificuldade, devido ao grande desgaste sofrido pela superfície epigrafada) ora levemente oblíqua ora horizontal; S simétrico, mas oblongo também; V aberto e de vértice inferior curvilíneo, a denunciar ter sido traçado com um movimento único.

Fórmula consecratória inicial centrada, que poderá ter sido previamente gravada na oficina, antes da encomenda do resto da epígrafe, mormente se atendermos ao módulo maior das letras e ao facto de a distribuição das linhas não ter sido cuidada, apesar do evidente intuito de alinhamento à esquerda.

Pelas suas inusitadas características, o texto (FIG. 2) coloca questões de leitura e de interpretação que vamos procurar equacionar e só depois adiantaremos – embora com carácter dubitativo – uma proposta.

dessas representações; vide, por exemplo: COIMBRA (Fernando), «Lápides funerárias romanas com suástica em Portugal e na Galiza», *Anuário Brigantino*, Concelho de Betanzos, 30, 2007, p. 117-141. Aliás, sobre o tema apresentou às universidades de Salamanca e Autónoma de Lisboa, em 2007, a dissertação de doutoramento intitulada *A suástica em Portugal e na Galiza, desde a Idade do Bronze ao fim do Período Romano: problemática da origem e da interpretação*.

Na l. 2, a dificuldade reside mesmo no final, onde a pedra sofreu profundo desgaste: XXI, AII ou AM? Chegámos também a considerar a existência de um ponto após MARCI (do I temos apenas a metade superior) e, nesse caso, se optássemos pelo numeral, teríamos AN(*norum*) XXI (*unius et viginti*). Ou seja, o nome do defunto, *Marcus*, estaria em genitivo e indicava-se a idade com que falecera.² No entanto, o que na foto e com determinada incidência de luz sugere a letra X carece de confirmação na pedra, dado que a perna da esquerda não tem, de facto, continuação para lá do ponto de encontro com a da direita, pelo que nos inclinamos para ler um A em jeito de lambda, sem que possamos garantir se, depois, há um M ou um E grafado como dois I, possibilidade esta, porém, que rejeitamos, por haver E escrito diversamente na linha seguinte. Mau grado essa debilidade final, pensamos não haver dúvida de que estamos perante o antropónimo latino *Marcianus*, que detém mais de 20 testemunhos registados na Lusitânia.³

Na linha 3, entre o A inicial e o O, existe espaço para duas (ou três) letras não identificáveis; se, porém, lermos um T antes desse O, seria aliciante optar por um antropónimo de nominativo em -o, na medida em que MEMORI/AM POSVIT requer um sujeito a anteceder a acção que realiza. *Avito*, -onis ou *Anto*, -onis seriam, nesse caso, hipóteses a considerar. Não encontramos, porém, paralelos que apoiassem tal opção. Também não lográmos identificar eventual advérbio ou palavra invariável susceptível de se enquadrar no espaço disponível.

A interpretação do final da l. 5, ainda que em local inusitado da epígrafe, afigura-se-nos plausível: AN(*norum*) · LXV, estando o V em nexa com o X; contudo, para alguma luz se lançar – se tal é possível – no sentido das duas últimas linhas, há que voltar ao final da l. 4: que significa VIT? Iniciar-se-á aí a identificação de outra personagem? Que poderá ler-se na l. 5? O forte desgaste aí sofrido pela pedra deixou-nos apenas um traço oblíquo, que não garantimos seja parte de um A, pois nenhum outro vestígio temos de restos do seu eventual traçado. De seguida, LOVIA parece não oferecer dúvida, sem que também se consiga, porém, descortinar o real significado desse

² *Marcus* é, habitualmente, *praenomen*; contudo, atesta-se na Lusitânia também como nome único, o que facilmente se compreende numa sociedade em que o modo de identificação não detém regras rígidas, mormente se pensarmos em ambiente funerário, mais condizente com os processos identitários orais e familiares.

³ Cfr. MILAGROS NAVARRO CABALLERO e JOSÉ LUIS RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, p. 228, mapa 191.

vocábulo nem dos traços seguintes: uma haste vertical precedida, na sua metade superior, de um traço encurvado; e não consegue perceber-se se algo mais há antes de AN.

Caso arriscássemos o A, no início da l. 5, e juntássemos tudo, teríamos *Vitalovia*; mas é opção que não fará sentido, atendendo ao carácter totalmente excepcional do termo e porque há uma explicação plausível para VIT: o lapso do lapicida, que, inadvertidamente, repetiu as três últimas letras – repetição que não é distração invulgar (mesmo na actualidade). *Alovia*, por seu turno, não parece estar documentado como antropónimo feminino na época romana, apesar de se registar o seu uso como nome na actualidade, de etimologia para nós desconhecida. Caso as letras *Lovia* escondessem um antropónimo, ainda poderíamos pensar em ver aí a menção do/a dedicante, justificando-se, desta sorte, a terminação em –o (do dativo) da primeira palavra da linha 3, que só poderia identificar, na circunstância, o grau de parentesco ou de relacionamento entre ambos. Resultaram, todavia, infrutíferas as diligências feitas para uma leitura menos eivada de dúvidas, quer pela minuciosa observação da pedra no seu lastimoso estado actual quer pela tentativa de se identificarem paralelos susceptíveis de carregarem informação consistente. Ocorreu-nos, inclusive, que também poderia considerar-se a menção AMICO (apesar de o T estar bem visível), tendo em conta o amplo significado atribuído à *amicitia* no contexto da epigrafia romana. Nada, todavia, de consistente.

Por conseguinte, com todas as limitações que esta hipótese detém – e não esquecendo as alternativas apontadas – ousamos propor, com óbvia reserva, a interpretação seguinte:

D(iis) · M(anibus) · S(acrum) / MARCIANA[M?] / A[...]TO
MEMORI/AM · POSVIT VIT [sic] /[...] LOVIA [...] AN(norum)
LXV (*quinque et sexaginta*)

Consagrado aos deuses Manes. Marciana... colocou a memória ... de 65 anos.

Em suma, se já o recurso às cruzes gamadas como elemento decorativo aduz singularidade ao monumento, não é menos certo que outros aspectos confirmam tal singularidade: a utilização – que não é muito frequente – da expressão *memoriam posuit*; a distração do lapicida verificada na l. 4; a eventual ocorrência, pela primeira vez (que saibamos), do (possível) vocábulo *Lovia* em contexto romano.

A presença da invocação aos deuses Manes; a decoração com as suásticas, indicadora de uma aculturação plena, mormente atendendo a um certo preciosismo estético que a sua implantação representa; o uso da palavra *memoriam* (aqui, com uma conotação mais de fala corrente do que de texto epigráfico); a desajeitada forma como foi concebida a paginação e gravados os caracteres – constituem factores susceptíveis de propor uma datação dos finais do século II da nossa era.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

VIRGÍLIO LOPES

Bolseiro de Doutoramento da FCT



1



2

NUEVO FRAGMENTO DE ARA FUNERARIA
DE PEÑALBA DE CASTRO (BURGOS)
Y UN POSIBLE TALLER EPIGRÁFICO EN CLUNIA

La habitual reutilización de material de fábrica romana en las construcciones de Peñalba de Castro (Burgos) depara, en múltiples ocasiones, interesantes hallazgos. Diversos elementos arquitectónicos y escultóricos aparecen, de modo sistemático, empotrados en los muros de las edificaciones, o emergen durante los procesos constructivos de nuevas residencias, dado que la característica forma cuadrangular que presentan los monumentos epigráficos invita, de forma especial, a su reutilización en estos inmuebles.

Por ello, durante una visita a la antigua *Colonia Clunia Sulpicia*, nunca está de más adentrarse en las inmediatas poblaciones actuales e imbuirse del encanto que atesoran sus vetustas viviendas y angostas callejuelas. Precisamente, fue durante una de estas excursiones a la antigua capital conventual, realizada por los firmantes,¹ cuando localizamos la parte superior de un ara funeraria ubicada en el suelo junto a una vivienda situada en la calle del Carril, una estrecha senda cortada pocos metros más adelante que nace de una de las principales vías de la pequeña población, la calle Bajera.² Un fragmento exiguo

¹ Acompañados por Francisco Javier Castillo Sanz y la Dra. M^a Rosario Hernando Sobrino. A esta última agradecemos el ánimo para la realización de esta nota epigráfica así como, junto a José Luis Gamallo y los doctores Joaquín Gómez-Pantoja y Donato Fasolini, la revisión final de la misma y las sugerencias realizadas. También quedamos en deuda con Marta Negro Cobo, directora del Museo de Burgos, por su ayuda y las facilidades prestadas a la hora de revisar una de las piezas analizadas (HEpOl 8615).

² El fortuito hallazgo, acontecido el 9 de mayo de 2012, se acompañó de otra ara anepígrafa, de la que únicamente se conserva la base y el arranque del cuerpo

en lo epigráfico pero cuyo interés, más allá de las cinco letras conservadas, reside en que la patente omisión de una letra, las medidas y la forma de las molduras lo emparentan a otras piezas del conjunto cluniense de idénticas características.

Tras comunicar su existencia a D^a. Marta Negro Cobo, directora del Museo de Burgos, ésta inició los trámites pertinentes para su recogida y conservación en un lugar adecuado, tarea que ya había sido realizado en enero de 2013 a fin de evitar su extravío.

Se trata de un fragmento de ara funeraria trabajada en sus cuatro caras³ y realizada en piedra caliza de grano fino y tonalidad anaranjada, lo que denota su inexistente contacto con luz solar o agentes atmosféricos que hayan deteriorado su pátina original. Presenta múltiples fracturas, la primera de ellas recorre completamente el primer renglón de texto afectando a todas las letras, que se conservan incompletas, salvo al último carácter y que, además, marca el límite inferior de la pieza habiéndose perdido, por tanto, el resto de la misma y, por ello, la práctica totalidad del contenido epigráfico. La parte superior conserva, igualmente, múltiples heridas localizadas, fundamentalmente, en el *pulvinus* izquierdo y la parte central de la cara frontal, posiblemente motivadas por la mutilación para el retalle de la pieza y para una posterior reutilización como elemento constructivo, ocasionando la pérdida de unas molduras que, sin embargo, sí que se conservan en los laterales.

El coronamiento (FIG. 1) presenta un *foculus* circular de 17 cm de diámetro; situado tras un frontón enmarcado por sendos *pulvini* de 13 cm de diámetro, los cuales se hallan decorados con rosáceas de seis pétalos realizada en bajorrelieve (FIG. 2). La transición al neto se realiza mediante un friso liso, a consecuencia del retallado, que enlaza con el arranque del cuerpo central a través de una doble moldura en escocia y un pequeño listel. Del citado neto prismático, incompleto, únicamente se conservan 16 cm. El campo epigráfico (FIG. 3) está rehundido y enmarcado por dos pequeñas molduras y un friso plano en cuyo interior se aprecian los rasgos del primer renglón.

prismático, así como la base de una columna cuyo fuste alcanza poco más de medio metro de altura.

³ Pulimentada en su cara frontal y laterales estando la trasera únicamente preparada mediante alisado.

Medidas: (47) x 55,5 x 40,5-36.

Campo epigráfico: (8) x 37.

DIS M(a)NIB(us) / -----

Altura de las letras: 5,5.

A pesar de la escasa cantidad de caracteres y su estado incompleto se aprecia una letra capital cuadrada no muy profunda y de cuidada ejecución, a tenor del único signo completo, la *B* final del renglón conservado. La erosión de la pieza afecta en mayor medida a la parte izquierda del campo epigráfico, resultando más claros los rasgos a medida que se avanza hacia el final del renglón.

La primera *I* es longa y no está en posición completamente vertical sino que presenta una ligera inclinación hacia la derecha a medida que desciende el trazo. *S* con refuerzo superior en el vértice, lo que se repite también en *N* y *B* donde es de menor tamaño que el inferior, el punto de unión entre ambos no llega hasta el trazo vertical.

Un rasgo especialmente característico es la abreviación de la alusión a los Dioses Manes representada con *MNIB*. Si bien resulta habitual la formulación con nexos *MA*, la pieza en estudio carece del mismo, al igual que sucede con otro epitafio procedente también de *Chunia* al que haremos referencia a continuación.⁴ Se trata de los dos únicos casos atestiguados con esta mención para todo el ámbito epigráfico romano.

Aun resultando exiguo el texto conservado, la claridad del mismo nos permite una datación del monumento a partir de los momentos finales del siglo I d. C. o a lo largo del siglo II d. C., de acuerdo a la formulación realizada a los Dioses Manes.

Una somera descripción genérica de la pieza y su decoración, así como la imposibilidad de llevar a cabo un análisis epigráfico exhaustivo, dada la ausencia de texto suficiente, darían al traste con un estudio más amplio a cuenta del ara pero, sin embargo, queda aún un destacable apunte por referir, que no es otro que la posible existencia en la capital conventual de un taller de producción con

⁴ CIL II 2789 y 5791 = ERClu 58 = HEp 2, 121 = HEpOI 8615.

características propias y marcadas.⁵

Es notoria la presencia de piezas que guardan una impronta similar en cuanto a tipología, tamaño y decoración se refiere. Un fragmento de ara,⁶ del que únicamente se conserva su parte inferior, presenta unas molduras que delimitan el campo epigráfico similares a las de la pieza analizada, así como el tamaño de las letras. La misma situación se repite con otro fragmento inferior de ara funeraria⁷ cuya similitud en lo referente a las molduras conservadas y al tamaño de letras invita a realizar esta asimilación, más aún cuando las propias medidas, (40) x 50 x 44 cm, denotan una simple variación de un centímetro. Un tercer fragmento,⁸ en esta ocasión correspondiente a la parte superior de otra pieza, refuerza la hipótesis de la *officina* cluniense; se trata de un ara de (82) x 58 x 52 cm con letras también de 5 cm con la cabecera decorada con ligeros cambios ya que el frontón triangular no existe en este caso, pero sí los *pulvini*, aunque de ocho hojas, y el *focus*. Pero sin duda alguna el ejemplo más revelador

⁵ La existencia de talleres lapidarios en el entorno cluniense ya ha sido analizada en L. Fernández Fúster, “La escena hispanorromana del banquete”, *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos* 60, 1954, 245-259, J. A. Abásolo, “Las estelas decoradas de la región de Lara de los Infantes. Estudio iconográfico”, *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología* 43, 1977, 61-90 y nuevamente después en J. A. Abásolo, “Sobre algunas escuelas hispanorromanas”, *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología* 60, 1994, 187-210. La cuestión cluniense ha sido someramente tratada en P. Palol y J. Vilella, *Clunia II. La epigrafía de Clunia*, Madrid, 1987, 118-120, si bien centrada fundamentalmente en la asociación de temáticas iconográficas de los monumentos más que en lo que respecta a la existencia de talleres. Para una aproximación a otros ámbitos hispanos, como el caso de *Segobriga*, véase J. M. Abascal, “Una *officina* lapidaria en *Segobriga*. El taller de las series de Arcos”, *Hispania Antiqua* XVI, 1992, 309-343 y U. Espinosa, “Una *officina* lapidaria en la comarca de Camero Nuevo (La Rioja)”, *Anejos de Gerión* II, 1989, 403-415.

⁶ ERClu 49 = HEp 2, 112 = HEpOI 12356: ---]atiano / [--- p]atrono / [---]sa f(ecit). Según Palol – Vilella (1987), 53 en el castillo de Coruña del Conde pero hoy en día en los almacenes del Museo Monográfico de *Clunia*.

⁷ ERClu 51 = HEp 2, 114 = HEpOI 12358: ---] / Atilius Eu/tychus / filio. Conservada en el Museo Monográfico de *Clunia*.

⁸ CIL II 6338m = ERClu 68 = HEp 2, 130 = HEpOI 12656: D(is) M(anibus) / L(ucio) Octavio / Aemiliani f(ilio) / Marcello / [an(norum) ---]III Caecili/[a?]. Inicialmente en la iglesia de Peñalba de Castro, Palol – Vilella (1987), 63, desde donde se trasladó a los almacenes del Museo Monográfico de *Clunia* donde se encuentra actualmente.

y elocuente es el epitafio de *Cornelius Maternus*,⁹ conservado completo y cuyas similitudes con la pieza tratada son totales; no sólo en lo que a medidas se refiere, con 138 x 61 x 50 cm, se adapta al altar analizado, sino que el tránsito de la cabecera al cuerpo prismático presenta unas molduras idénticas, así como el espacio superior se remata de igual forma con un frontón triangular con sendos *pulvini* laterales con rosáceas, pero de ocho hojas, y un *focus* central. En el plano paleográfico es donde se detectan las semejanzas más llamativas dado que, además de unos caracteres de 5 cm, presenta rasgos comunes como la *I* inclinada en *Dis*,¹⁰ que también es *longa*, o la ausencia de la *A* y la terminación *VS* en *Manibus*, así como los ápices que rematan los vértices superiores de la *S* y la *N*.

Con un monumento completo, dos fragmentos inferiores y uno superior (que además presentan ligeras diferencias), resultaba un tanto aventurada la asimilación de las piezas a un mismo taller cluniense, pero el fragmento presentado, con idénticas características a la pieza completa, dota de homogeneidad al conjunto tanto desde el punto de vista tipológico como desde el estilístico y paleográfico, esencialmente desde este último estadio en el que no resultan tan abundantes las manifestaciones de *I longa* inclinada o la utilización de *mnib* para *manibus*.¹¹ Los ejemplares de este conjunto responden a una tipología formal común y repetida, caracterizada por el empleo de caliza local, elementos técnicos como el frontón triangular (salvo el caso semicircular) y la decoración con rosáceas hexapétalas y octopétalas, así como idéntico sistema de molduras y los rasgos paleográficos ya citados. Todas estas similitudes, sin presencia de elementos discordantes destacables, implican un ambiente de producción común e invitan a considerar la certeza de una *officina*

⁹ CIL II 2789 y 5791 = ERClu 58 = HEp 2, 121 = HEpOI 8615: *Dis M(a)nib(us) / G(aio) Cornelio / Materno / an(norum) XX / Cor(nelius) Avianus / et Aemilia Atia / fil(io) pientissimo / f(aciendum) c(uraverunt)*. Conservada en el Museo de Burgos con el nº de inventario 160.

¹⁰ Lo que se repite en otros casos clunienses como ERClu 21 = HEpOI 14157 y ERClu 23 = AE 1988, 772 = HEp 2, 90 = HEp 3, 104 = HEpOI 14158.

¹¹ Estos particularismos en la representación de abreviaturas expresadas de forma no canónica son visibles en otras *officinae* hispanas como en Camero Nuevo (La Rioja) donde se encuentran fórmulas como *ma(numentum)* o *anorum* (por *annorum*). A este respecto véase U. Espinosa, “Una oficina lapidaria en la comarca de Camero Nuevo (La Rioja)”, *Anejos de Gerión* II, 1989, 403-415.

dada la homogeneidad, afinidad e inalterabilidad del modelo de piezas clunienses.¹²

PALOMA BALBÍN CHAMORRO
DAVID SEVILLANO LÓPEZ
MARIANO RODRÍGUEZ CEBALLOS



1



2



3

478

¹² Este trabajo se ha realizado en el marco del proyecto de investigación financiado con fondos públicos HAR2011-29108-C04-02. Las consultas a *Hispania Epigraphica Online* (HEpOI): <http://eda-bea.es> mencionadas en esta nota epigráfica se realizaron el 5 de octubre de 2012.